

Conceição Evaristo, *Becos da memória*, Belo Horizonte, Mazza, 2006.

Anselmo Peres Alós

INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA DE MOÇAMBIQUE

Nascida em Belo Horizonte (capital de Minas Gerais) em 1946, e residente no Rio de Janeiro desde 1973, Conceição Evaristo é uma personalidade singular no campo da cultura afro-brasileira contemporânea. Evaristo tem participado de vários projetos culturais e de pesquisa em torno de temáticas negras, como colaboradora do *Criola* (organização de Mulheres Negras do Rio de Janeiro), e do grupo literário *Quilombhoje*, responsável pela publicação dos *Cadernos negros*, revista de divulgação literária com mais de trinta anos de circulação, e especializada na publicação de textos literários de autores afro-brasileiros. Embora tenha iniciado suas experiências literárias no início da década de 80, é apenas em 1990 que publica seus primeiros poemas, no número 13 dos *Cadernos negros*. Evaristo vem marcando sua produção acadêmica e literária com um posicionamento que busca privilegiar a sua vivência de mulher negra na sociedade brasileira. Em sua dissertação de mestrado, cujo título é *Literatura negra: uma poética da nossa afro-brasilidade* (1996), ela faz um levantamento da produção literária afro-brasileira, tentando suprir as lacunas sobre o tema na historiografia literária canônica. Somente após os anos 2000, marcados pelo impacto da *internet*, pelo fantasma do *bug* do milênio e pelo advento da globalização, é que a escritora publica seu primeiro romance, *Ponciá Vicêncio* (2003). Três anos depois, Conceição Evaristo publica *Becos da memória* (2006), obra que, segundo a própria autora, já encontrava finalizada desde 1988, momento em que inclusive foi cogitada a sua publicação pela Fundação Palmares, mas que deve de esperar quase vinte anos para encontrar seus leitores:

Em 1988, *Becos da memória* seria publicado pela Fundação Palmares/MinC, como parte das comemorações do Centenário da Abolição, projeto que não foi levado adiante, creio que por motivo de verbas. Desde então *Becos da memória* ficou esquecido na gaveta. Preciso ressaltar, entretanto, que em um dado momento, bem mais tarde, em uma outra gestão, a Fundação Palmares colocou-se à disposição para publicar o romance, mas o livro já havia se acostumado ao abandono. É só agora, quase 20 anos depois de escrito, acontece sua publicação (Evaristo, 2006, p. 9).

O *bug* do milênio não aconteceu, a *internet* entrou no cotidiano de grande parte dos brasileiros e a globalização, ainda que não agrade a muitos, vem se tornando a nova ordem mundial. Os romances de Conceição Evaristo,

entretanto, circulam na contracorrente do fluxo de informações e da lógica do capital simbólico do novo milênio. A voz narrativa construída pela autora não se pergunta sobre o futuro, ao menos não tão insistentemente quanto se pergunta sobre o passado e seus efeitos, seus reflexos e suas refrações no presente. No afã de trazer à superfície aspectos da história brasileira que foram rasurados por três séculos de patriarcalismo escravocrata, as narrativas de Conceição Evaristo buscam, através das histórias orais de suas ancestrais, novos recursos estéticos e expressivos que dêem conta da textualização das experiências e das memórias do povo afro-brasileiro.

Em sua busca pelo resgate da identidade de sujeitos sociais que foram relegados a uma condição de cidadania de segunda categoria, e que ainda hoje têm de lidar com a expropriação de suas próprias heranças afetivas, Evaristo não ignora a importância de suas antecessoras nas letras afro-brasileiras. Seu conhecimento das estéticas literárias desenvolvidas por outras escritoras brasileiras, em especial Maria Firmina dos Reis e Carolina Maria de Jesus, permite que ela incorpore um diálogo com estas vozes na constituição de sua própria voz autoral. Contra três séculos de escravidão, três séculos de resistência das mulheres negras materializam-se no projeto estético da prosa de Conceição Evaristo.

Em *Becos da memória*, a autora aborda diversas questões sociais, nomeadamente os ecos de uma tradição patriarcal e escravocrata, tradição esta responsável pelos processos de pauperização, estigmatização e subalternização social das comunidades afro-brasileiras. No entanto, a autora esgueira-se de maneira a evitar as soluções fáceis reiteradamente utilizadas pelo mercado cultural contemporâneo, que faz do morro um espaço simbólico de *glamour* escapa das soluções fáceis: não faz do morro território de *glamour* e fetiche, tampouco, investe na narração da violência de forma brutal, reduzindo seu impacto transformando-a em simples objeto de escambo em uma sociedade de consumo.

Pode-se pensar na favela narrada por Evaristo em *Becos da memória* como um desses lugares nos quais se torna possível o refúgio da memória. Entretanto, emerge um problema quando se constata que esta favela, tomada como um lugar de memória, não é nada mais do que uma memória, despreendida de qualquer resíduo de realidade referencial, pois, como afirma a escritora já nas primeiras páginas de seu livro, em uma “Conversa com o leitor” que é apresentada à guisa de advertência, “em *Becos da memória* aparece a ambiência de uma favela que não existe mais. A favela descrita em *Becos da memória* acabou e *acabou*. Hoje as favelas produzem outras memórias, provocam outros testemunhos e inspiram outras ficções” (Evaristo, 2006, p. 9).

Impossível evitar a associação da favela construída pelas memórias de Conceição Evaristo com outras favelas já textualizadas na literatura brasileira. Esta favela traz reminiscências da favela do Canindé, na qual é ambientada a narrativa de *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, ou ainda da Vila Ilhota, espaço das memórias de outra mulher favelada, Zeni de Oliveira Barbosa, que a reconstitui em seu *Ilhota: testemunho de uma vida* (1993). Estas são favelas marcadas pela miséria absoluta, por uma luta pela sobrevivência, e em uma população majoritariamente composta por afro-descendentes que abandonaram as zonas rurais buscando nas cidades oportunidades de trabalho, ou simplesmente fugindo da fome. A repetição performativa do verbo “acabar” no pretérito perfeito do indicativo não se dá de

maneira inocente: esta favela que povoa as reminiscências da narradora de *Becos da memória* nada tem em comum com outras favelas, as contemporâneas, que “provocam outros testemunhos e inspiram outras ficções” (Evaristo, 2006, p. 9), dominadas pelo crime organizado, pela violência banalizada e institucionalizada e pelo poder perverso do narcotráfico. Para continuar com um *terminus comparationis* do campo ficcional, a favela das reminiscências de Conceição Evaristo está muito distante das favelas dos morros cariocas, como a Cidade de Deus do romance homônimo de Paulo Lins, publicado em 1997. A favela narrada em *Becos da memória* subsiste apenas nas memórias de seus antigos moradores. Entre eles, a autora e as personagens retratadas no romance.

Bibliografia

- BARBOSA, Zeli de Oliveira. *Ilhota: testemunho de uma vida*. Porto Alegre, Secretaria Municipal de Cultura, 1993.
- EVARISTO, Conceição. *Literatura negra: uma poética da nossa afro-brasilidade*. 1996. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira). PPGL – PUC-Rio. Rio de Janeiro, 1996.
- EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte, Mazza, 2003.
- EVARISTO, Conceição. “Conversa com o leitor: da construção de *Becos*” em *Becos da memória*. Belo Horizonte, Mazza, 2006, p. 9.
- JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 8 ed. São Paulo, Ática, 2005.
- LINS, Paulo. *Cidade de Deus*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.